



PROCESSOS MENTAIS E MATERIAIS EM PHRASAL VERBS COM A PARTÍCULA OUT

MENTAL AND MATERIAL PROCESSES IN PHRASAL VERBS WITH PARTICLE OUT

Manuela Correa Oliveira¹

RESUMO

Neste trabalho, investigo o desenvolvimento de *phrasal verbs* transitivos quanto à posição da partícula *out*, ora contínua a V – *throw out the trash* (jogar fora o lixo) – ora descontínua – *throw the trash out* (jogar o lixo fora). O objetivo central deste estudo é evidenciar, a partir de dados de escrita, que contínua e descontínua são duas construções distintas, licenciadas por um esquema de maior abstração, qual seja, *phrasal verbs* transitivos. A hipótese a ser sustentada é de que tal distinção pode ser constatada através da análise diacrônica do elemento que ocupa a posição V e dos processos cognitivos, como mental e material decorrentes dos enunciados (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004). Este estudo parte da perspectiva de Modelos Baseados no Uso e, mais especificamente, dos pressupostos da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). A análise dos dados inclui o período dos séculos XVII ao XX, e a amostra é constituída de enunciados coletados de duas bases: *Corpus* Representativo de Registros Históricos do Inglês (ARCHER – *A Representative Corpus of Historical English Registers*) e *Corpus* Nacional do Inglês Britânico (BNC – *British National Corpus*). Os resultados obtidos evidenciam a alta frequência *token* da construção contínua e sua expressiva produtividade. Depreende-se da análise um processo de mudança de processos materiais em direção a processos mentais, uma tendência perceptível tanto para [V out SN] quanto para [V SN out]. Os dados também revelam comportamentos distintos para as duas construções no século XX: há maior frequência de processos mentais do que materiais na construção contínua, com uma diferença que supera 60 pontos percentuais; a descontínua, por seu turno, tem frequências próximas para os processos

¹ Doutora em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro. manuela.correa@gmail.com.



mentais e materiais, mas verbais não foram encontrados nesta configuração. Os resultados obtidos mostram trajetórias distintas para [V out SN] e [V SN out], revelando a necessidade de considerá-las dois pareamentos de forma e significado.

PALAVRAS-CHAVE: mudança construcional; construcionalização; phrasal verbs; construção.

ABSTRACT

In this paper I investigate the development of transitive phrasal verbs regarding the particle *out* position, whether it is continuous to V - *throw out the trash* - or discontinuous to it- *throw the trash out*. The main objective of this study is to argue in favour of a distinction between continuous and discontinuous, which are part of a more abstract schema: phrasal verbs. This claim is based on written data and under the hypothesis that such distinction can be verified by means of a diachronic analysis of the lexical item inserted into the V position along with the cognitive processes resulting from the statements analysed (HALLIDAY & MATHIESSEN, 2004). The study is situated under Usage Based Models perspectives, more specifically under the assumptions of Construction Grammar (GOLDBERG, 1995; BYBEE, 2010; TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013). Data analysis includes the period from the seventeenth to the twentieth century, and the sample consists of statements collected from two bases: the Representative Corpus of Historical English Records (ARCHER) and the British English National Corpus (BNC). The results obtained show a higher token frequency of the continuous construction and its expressive productivity. Additionally, there is evidence of constructional change in terms of cognitive processes, from material towards mental processes, a tendency that is perceptible both for [V out SN] and for [V SN out]. The data also reveal distinct behaviours for the two constructions in the twentieth century: there is a greater frequency of mental processes than material ones in the continuous construction, with a difference that exceeds 60 percentage points; the discontinuous construction, on the other hand, shows neither evidence of verbal processes nor a great gap between mental and material processes. These results show distinct paths for [V out SN] and [V SN out], revealing the need to consider them as two pairings of meaning and form.

KEYWORDS: constructional change; constructionalization; phrasal verbs; construction.

Introdução

Phrasal verbs são construções presentes na língua inglesa, constituídas de verbo e partícula. Quando transitivo, o *phrasal verb* (doravante PVT) seleciona um complemento que pode estar adjacente ora à partícula, ora ao verbo. Serão denominados *phrasal verbs* contínuos (PVT₁) aqueles em que a partícula estiver adjacente ao verbo (ex. 1) e descontínuos (PVT₂) aqueles em que a partícula estiver posposta ao complemento (ex. 2):

(1) BNC. A5M 468 - **contínuo**

The agent pulled out a gun and shot him dead.

O agente **puxou** uma arma e atirou, matando-o.

(2) BNC. A1S 216 - **descontínuo**

*The latest development is a drug called clomipramine which has the endearing quality of reducing the desire to **pull your hair out** when under stress.*

O último avanço é uma droga chamada clomipramina, que tem a qualidade cativante de reduzir seu desejo de **arrancar os cabelos** quando estiver estressado.

Na literatura, há posicionamentos variados em relação aos dois padrões. Biber *et al.* (1999) e Downing; Locke (2006), por exemplo, tratam PVTs como uma mesma construção e, portanto, contínuo e descontínuo seriam variantes de um só pareamento. Por outro lado, autores como Gries (2003) e Goldberg (2016) argumentam a favor de uma distinção entre PVT contínuo e PVT descontínuo dentro de uma perspectiva construcional.

Existem diferentes argumentos que tentam explicar a motivação para a (des)continuidade da partícula em PVTs, como o grau de composicionalidade da construção e aspectos relacionados ao complemento, *e.g.* características morfossintáticas, *status* informacional do referente e peso, dentre outros. Neste trabalho, o argumento está centrado na análise das características do item lexical que preenche a posição V em [V out SN] e [V SN out], assim como no contexto discursivo-pragmático em que se encontra. O objetivo deste estudo é verificar, a partir dos pressupostos da Gramática de Construções (GC), o desenvolvimento de PVTs contínuos e descontínuos com a partícula *out* a fim de estabelecer que [V out SN] e [V SN out] constituem dois pareamentos distintos.

Os dados que formam a amostra analisada são ocorrências da modalidade escrita de PVTs com a partícula *out* dos séculos XVII ao XX. Ainda que *phrasal verbs* sejam frequentemente associados à modalidade oral e, mais especificamente a registros informais (DOWNING; LOCKE, 2006), destacam-se na modalidade escrita (BIBER *et al.*, 1999).

A análise do constituinte que ocupa a posição V revela que alguns verbos são mais compatíveis com o PVT contínuo e, outros verbos, com o descontínuo. Os dados foram verificados a partir do tipo de processo cognitivo encontrado em cada contexto, com base na perspectiva de Halliday e Mathiessen (2004), a fim de tratar das possíveis motivações discursivo-pragmáticas para o uso de cada construção. Os resultados indicam tendências distintas para [V out SN] e [V SN out] ao longo de todo o período analisado, reforçando a noção de que, dentro de uma perspectiva construcional, se trata de dois pareamentos distintos, de forma e função.

1. Perspectiva Teórica

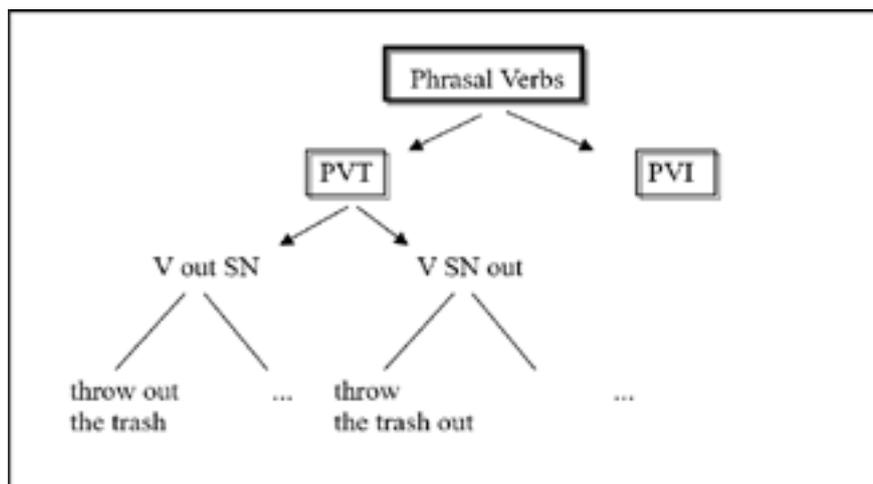
Neste trabalho, analiso a adjacência ou descontinuidade da partícula *out* em relação ao verbo em PVTs a partir de Modelos Baseados no Uso (MBU), mais especificamente, dos princípios da GC (KEMMER; BARLOW, 1999; BYBEE, 2006, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Em conformidade com essa perspectiva, regularidades, mudanças e variações são tidas como características inerentes às línguas humanas, o que confere uma dinamicidade à gramática dos indivíduos. Os estudos de fenômenos linguísticos que têm como base os MBU ressaltam o papel da experiência na modulação do conhecimento linguístico. Desta maneira, a frequência de uso tem destaque nos estudos, pois ela ajuda a compreender não só variações, mas também regularidades do sistema (BYBEE, 2010).

Uma melhor compreensão deste dinamismo linguístico e dos processos de mudança pode ser feita com base em uma perspectiva na qual o sistema linguístico é visto como uma rede, ou *constructicon*, formado por construções: pareamentos constituídos de forma e significado. O *constructicon* é formado por construções de maior abstração, como [V out SN], em que as posições estão parcialmente preenchidas. No exemplo, o único elemento cristalizado na construção é a partícula *out*. Esta construção, por seu turno, licencia construções mais específicas, como [pull out a gun] na qual as posições estão inteiramente preenchidas.

A partir desta perspectiva construcional, parto do princípio de que PVT₁ e PVT₂ são duas construções independentes, ainda que relacionadas entre si por uma construção mais abstrata, denominada *phrasal verb*, que, por sua vez, licencia também *phrasal verbs* intransitivos:

Figura 1 - Representação esquemática de phrasal verbs



Desta maneira, [throw out the trash] e [throw the trash out] são microconstruções representativas de um esquema mais abstrato de PVTs. As reticências, na figura 1, indicam as variadas microconstruções que podem ocorrer em [V out SN] e [V SN out].

A (des) continuidade da partícula em PVTs envolve fatores que podem estar relacionados à natureza informacional do referente codificado no SN complemento. Um SN cuja referência pode ser recuperada a partir de uma prévia menção exige um menor custo de processamento para falante/ ouvinte em termos cognitivos (SVENONIUS, 1994; GRIES, 2001; CAPPELLE, 2005). Este tipo de informação pode ser caracterizado como informação dada ou velha (PRINCE, 1981; CHAFE, 1992).

No que tange ao uso de PVTs, Dehé (2002) destaca que SNs que codificam informação dada tendem a suceder o verbo (PVT₂). Ademais, a autora ressalta que as informações indicadas pelo SN complemento são suficientes para prever sua posição. A ocorrência de um complemento clítico, por exemplo, prevê o emprego do PVT₂, como exemplifico a seguir:

(3) a. *John **threw** the trash **out**.*

John **jogou** o lixo **fora**.

b. *John **threw out** the trash.*

John **jogou** o lixo **fora**.

c. *John **threw** it **out**.*

John **jogou** o lixo **fora**.

d. **John **threw out** it.*

A combinação do verbo *throw* com a partícula *out* é apresentada de diversas maneiras. O complemento *the trash* pode estar configurado na construção descontínua (ex. 3a) ou contínua (ex. 3b) sem riscos de agramaticalidade. Todavia, quando substituído por um pronome, como *it*, este só ocorre, gramaticalmente, em construções descontínuas (ex. 3c), sendo (ex. 3d) uma opção não recorrente, com exceção de contextos de destaque, em que devem ser considerados fatores como foco e prosódia.

Gorlach (2004) e Capelle (2005) argumentam que a posição de clíticos antecedendo a partícula (P) é categórica - [V clítico P] e reflete princípios comunicativos mais gerais. Nos termos de Gorlach:

Pronomes costumam ter antecedentes imediatos no discurso e se referem a alguma informação previamente compartilhada. Portanto, a posição de pronomes entre verbo e partícula reflete os princípios centrais da comunicação no que se refere à posição de informação nova, foco final, e o princípio de peso e equilíbrio, posicionando a ênfase na partícula.² (GORLACH, 2004, p. 38)

Portanto, dada a natureza inerentemente anafórica de clíticos, estes sempre codificam informação dada. Enquanto complementos clíticos ocorrem quase que categoricamente em [V clítico P], complementos oracionais configuram-se em [V P SN] haja vista o peso, em termos de tamanho e/ou complexidade do complemento. Estes dois casos estão em consonância com o princípio de novidade da informação (CHAFE, 1992) e de peso final (QUIRK *et al*, 1985), em que complementos de maior peso tendem à posição na margem direita do enunciado.

Além das características da SN, aspecto que não será completamente aprofundado neste

2 Pronouns usually have immediate antecedents in the discourse and refer to some previously known information. Therefore, their position between the verb and the particle reflects the main communication principles of the placement of new information, the end-focus, and the weight and balance principle, placing the emphasis on the particle. (GORLACH, 2004, p. 38)

trabalho, é necessário considerar o significado da partícula, mas também da construção como um todo. Os enunciados a seguir são do *British National Corpus* (BNC) e exemplificam o uso do PVT com o verbo *take* e partícula *out*, que, a princípio, podem ocorrer tanto em PVT₁ (ex. 4) quanto em PVT₂ (ex. 5):

(4) BNC. A1Y629

*The idea of rogue cops going around to **take out IRA terrorists** - it's the sort of stuff you might expect.*

A ideia de policiais desonestos circulando para **matar terroristas do IRA** – é o tipo de coisa que você espera.

(5) BNC. F8E 46

*... if you **take carbonate out** (...) for conversion to skelet—skeletal material, it will pull material in this direction through the, through the s— through those equations.*

se você **remove o carbonato** (...), para converter para material esquelético, ele vai puxar material nesta direção através daquelas equações.

Os dados mostram que a ideia de remoção pode ser inferida tanto do PVT₁ (4) como do PVT₂ (5). No entanto, esta noção é representada de maneira metafórica em (5).

No exemplo (6), a seguir, o PVT₂ com a partícula *out* é formado pelo verbo *take* junto ao complemento (*a time* (um tempo)), fazendo parte de um contexto cujo sentido é “fazer uma pausa”:

(6) BNC. A4K 736

*There was no play in the other semi-final yesterday, after Karpov's decision to **take a time out**.*

Não houve jogo na outra semifinal de ontem, após a decisão de Karpov de fazer uma pausa.

Em (6), a noção de pausa é verificada também por conta da presença do SN *a time* e ressalto que o significado de *take out* relacionado a parar/ fazer pausa é atestado apenas no PVT₂. Uma busca por *take out time/ a time* – PVT₁ – no *corpus* britânico aponta para resultados nulos, enquanto *take time out* – PVT₂ – resulta em 24 ocorrências sem o artigo, além de uma ocorrência com o artigo definido. Ao buscarmos pelo verbo no passado, o *corpus* revela, ainda, que há mais 32 ocorrências da construção descontínua. No que respeita à composicionalidade da construção, *i.e.*, ao grau de transparência entre forma e significado (BYBEE, 2010), há de se destacar que a ordem [V SN out] dos constituintes é mais fixa, refletindo, assim, o baixo grau de composicionalidade da construção com estes elementos.

Faz-se necessário, portanto, tratar do nível de composicionalidade das construções contínua e descontínua a fim de apresentar maiores evidências para a distinção entre PVT₁ e PVT₂. Na seção seguinte, abordo o aspecto composicional das construções sob a perspectiva da GC.

2. Composicionalidade em PVT₁ e PVT₂

Na seção anterior, vimos que PVTs com a partícula *out* envolvem variados níveis de composicionalidade. O sentido de determinada combinação formada por verbo, partícula e complemento pode ser recuperado a partir de suas partes, mas há ocorrências de PVTs cujo sentido só é inferível se considerada a construção como um todo, dado o grau de idiomaticidade. Neste sentido, Michaelis *et al.* (2009) argumentam que os casos em que o PVT confere sentido direcional (ex. 7) ou aspectual (ex. 8), a interpretação da construção é possível por meio da leitura das partes que a compõem:

(7) Direcional

We pushed the chair out.

Nós empurramos a cadeira (para fora).

(8) Aspectual

She dried out the glasses using a towel.

Ela secou (completamente) os óculos usando uma toalha.

Em (7) e (8), a partícula *out* tem papel definidor nos enunciados: em (7) refere-se a movimento no espaço e, em (8), refere-se a uma ideia de completude. Movimento no espaço (ex.7) e completude (ex. 8) são sentidos ressaltados pela presença da partícula. Por outro lado, *chew me out* (ex. 9), a seguir, tem menor grau de composicionalidade tendo em vista a idiomaticidade da construção:

(9) Idiomático

She's gonna chew me out.

Ela vai repreender-me.

O verbo *chew*, normalmente associado ao ato de mastigar, associa-se ao significado de advertência quando na configuração de um PVT. Portanto, a presença da partícula confere outro sentido à construção.

Dentro de uma perspectiva construcional, composicionalidade deve ser considerado um fator gradiente, podendo haver construções mais ou menos idiomáticas do que outras. No que tange a processos de mudança, a GC prevê dois processos de mudança, como poderá ser verificado na próxima seção.

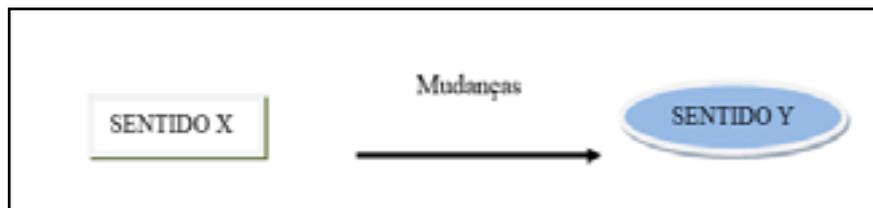
3. Construcionalização e Mudança Construcional

O processo de mudança denominado construcionalização envolve perda de composicionalidade (LANGACKER, 2005; GOLDBERG, 1995), isto é, o significado das partes que compõem a construção se torna cada vez menos transparente com o passar do tempo. Nos termos de Traugott e Trousdale:

Construcionalização é a criação de signos: combinações de forma ^{nova} - significado ^{novo} que formam novos *types* ou nós que tem nova sintaxe e morfologia e codificam um novo sentido, na rede linguística de determinada população de falantes. É um processo acompanhado de mudanças nos níveis de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas é resultado de uma sucessão de micropassos e é, portanto, gradual. [...]³ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22)

No processo de construcionalização, um novo pareamento forma ↔ significado emerge no *constructicon*:

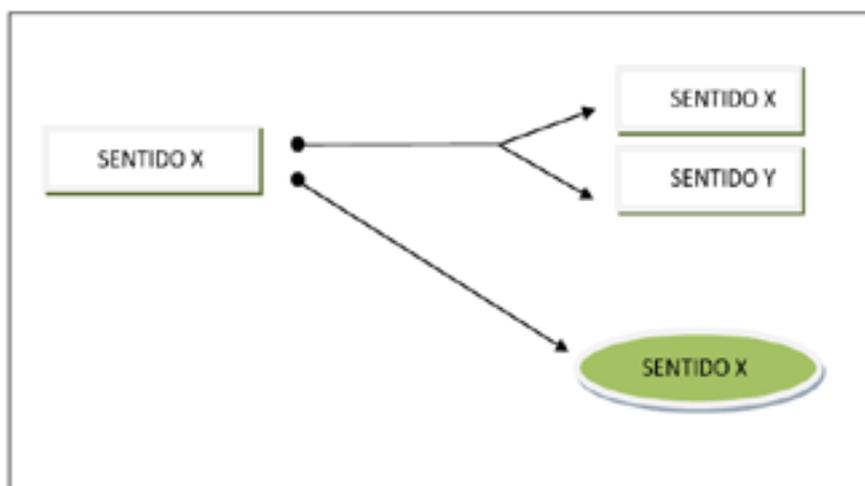
Figura 2 - Construcionalização



Assim, um pareamento, com determinada forma e sentido (X), passa por mudanças ao longo do tempo, resultando em um novo pareamento, com outra forma e sentido (Y).

Um processo de mudança também previsto pela GC é denominado mudança construcional, na qual um pareamento, forma e significado, mantém sua forma e passa a ser associado a outro significado. Também na mudança construcional, um pareamento pode manter seu significado e adquirir nova forma:

Figura 3 - Mudança Construcional



Alguns autores já mostraram que os *phrasal verbs* ganharam produtividade a partir do Inglês Médio (THIM, 2012; LEONE, 2016) e, notoriamente, no inglês atual. Segundo Thim

3 *Constructionalization is the creation of form_{new} - meaning_{new} (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual.* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22)

(2012), *phrasal verbs* idiomáticos podem ser resultado da perda de composicionalidade de determinada construção, um processo de mudança em direção a significados mais metafóricos. Um dos objetivos deste trabalho é identificar como se deu o processo de mudança de PVTs contínuos e descontínuos com a partícula *out*, do século XVII, período inicial da grande produtividade da construção, ao século XX. Serão analisados os tipos de verbos empregados em cada instância e os processos cognitivos em que se inserem. A hipótese que norteia este estudo é a de que PVT₁ e PVT₂ são dois pareamentos de forma e significado, tendo constituído trajetórias distintas ao longo dos séculos.

Na próxima seção veremos como será feita a análise dos dados.

4. Amostra e Metodologia

A fim de possibilitar a mensuração da produtividade de um esquema, é necessário considerar a frequência de uma construção, que pode ser medida pelo número de ocorrências – frequência *token* – ou pelo número de possibilidades que determinado padrão licencia – frequência *type*. Se considerarmos a frequência *type* de um PVT contínuo, isto é, a produtividade de [V P SN], podemos avaliar a capacidade que este esquema tem de recrutar novos membros para ocupar os *slots* que formam a construção. Quanto maior a variedade de elementos que ocupam tais espaços em uma construção, mais produtiva ela é.

Segundo Barðdal (2008), existe certa coerência esquemática quando se trata do licenciamento de novos membros para um esquema. No que se refere às construções em questão, percebemos que determinadas combinações são mais compatíveis com o padrão contínuo, enquanto, outros, com o padrão descontínuo, como já exemplificado em [take a time out], mas que também poderá ser constatado nos resultados da análise.

Para este estudo, são utilizados procedimentos metodológicos que permitem a análise tanto da frequência de PVT₁ e PVT₂ como das propriedades presentes em cada construção, a fim de verificar a hipótese de que, mesmo relacionados, PVT₁ e PVT₂ constituem construções distintas.

Os dados que compõem a amostra fazem parte de registros escritos dos séculos XVII ao XX, provindos dos *corpora* ARCHER (séculos XVII ao XIX) e BNC (século XX). Conforme mencionado neste trabalho, é destacável a produtividade de PVTs no inglês atual e, considerando os princípios que regem a mudança, com base na perspectiva adotada, assume-se que esta produtividade tenha ocorrido de forma gradativa e que tenha envolvido mudanças diversas em relação ao item que preenchem o *slot*. A expectativa quanto aos resultados era de que o *slot* V licenciaria uma menor quantidade de verbos em um primeiro momento, mas que este preenchimento aumentaria com o passar do tempo. A construção contínua (PVT₁) teria se tornado mais produtiva do que a descontínua (PVT₂), indicando particularidades de cada construção. Esta hipótese é verificável por meio da análise diacrônica e da observação de

possíveis mudanças envolvidas em cada PVT.

As instâncias coletadas fazem parte da segunda fase do Inglês Moderno - *Late Modern English* (LModE)⁴ -, que constitui dados de 1650 até os dias atuais. A obtenção dos dados foi feita a partir de duas bases digitais do inglês: *British National Corpus* ou Corpus Nacional Britânico (BNC) e *A Representative Corpus of Historical English Registers* ou Corpus Representativo de Registros Históricos do Inglês (ARCHER). O BNC é composto por 100 milhões de palavras, incluindo amostras de escrita e de fala, providas de 4.049 textos do final do século XX e contém textos de diversas fontes de língua inglesa: 60% são trechos de livros e 30% correspondem a textos de periódicos, revistas e jornais, de temas variados.

A amostra ARCHER, utilizado para o levantamento dos dados dos séculos XVII a XIX, é um *corpus* histórico, iniciado em 1999 e que ainda está em construção. É composto por 1.710 textos escritos, das variedades americana e inglesa, entre 1600 a 1999, totalizando 3.790.899 palavras. A primeira parte do século XVII (1600 a 1650) é formada por textos dos gêneros drama, direito e prosa, mas o *corpus* se torna mais diversificado ao longo do período, passando a incluir propaganda, drama, ficção, sermão, diários, direito, medicina, notícia, prosa, ciência e cartas.

A análise da distribuição dos dados foi realizada através do pacote de programas GoldVarbX (SANKOFF *et al.*, 2005), que permite identificar, quantitativamente, a distribuição de PVT₁ e PVT₂. Todavia, o GoldbVarbX não permite controlar a frequência do item lexical que preenche a posição V das duas construções, fazendo-se necessário contabilizar os dados com o auxílio do programa RBrul (JOHNSON, 2015). Para tal, procedi a rodadas separadas para PVT₁ e PVT₂, o que permitiu identificar algumas propriedades de cada construção e, conseqüentemente, as mudanças que as construções sofreram ao longo do tempo verificado.

A observação de cada PVT é necessária tendo em vista que o mesmo elemento que ocupa a posição V pode denotar diferentes tipos de processo, como, por exemplo, em *carry out a chair* (carregar a cadeira) *versus* *carry out a research* (conduzir uma pesquisa). Enquanto no primeiro exemplo podemos verificar um processo material, no segundo, o contexto mostra que se trata de um processo mental.

Considerando a natureza semântica da partícula, parto da hipótese de que PVTs estão preferencialmente associados a processos materiais. No entanto, espera-se que um dos indícios que dão particularidade a cada uma das construções seria a maior frequência de determinado processo cognitivo, como mental ou material, em detrimento do outro.

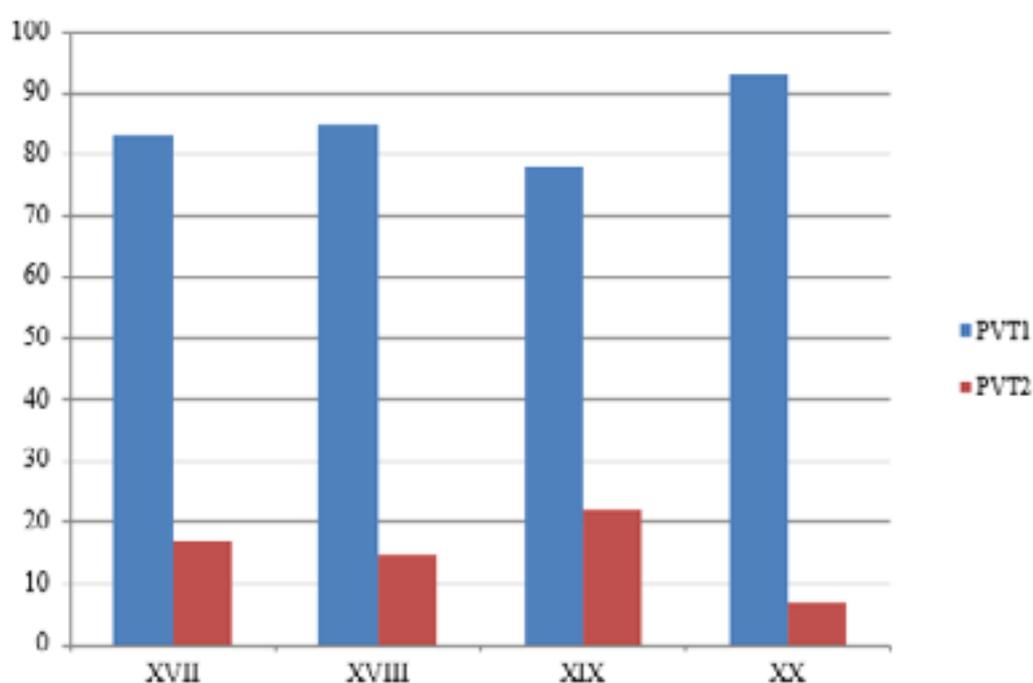
4 A Segunda Fase do Inglês Moderno é baseada na configuração da língua inglesa estabelecida por Thim (2012).

As frequências *token* e *type* dos PVTs foram contabilizadas a partir de dados coletados das bases ARCHER⁵ e BNC⁶. Foi feito um levantamento dos itens lexicais configurados em PVT₁ e PVT₂, bem como uma análise dos processos cognitivos codificados em cada enunciado dentro da perspectiva de Halliday e Mathiessen (2004). A próxima seção é constituída da apresentação dos resultados quantitativos e qualitativos dos dados.

5. Resultados

Os resultados dos dados analisados nas amostras BNC e ARCHER permitem identificar a seguinte distribuição de PVT₁ e PVT₂:

Gráfico 1 - Distribuição de PVTs com out



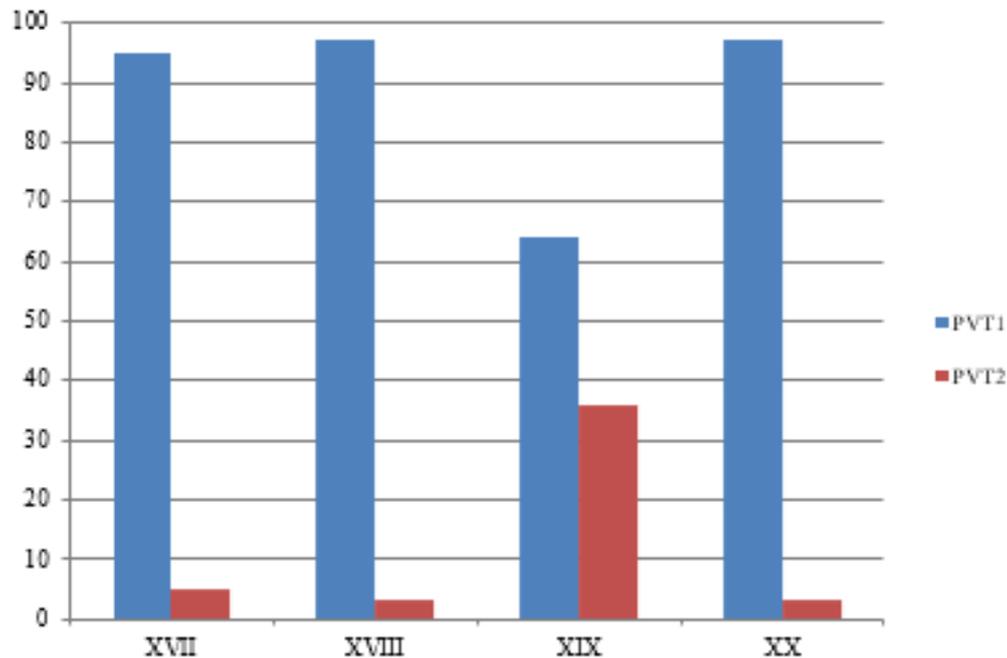
A observação do gráfico 1 permite identificar uma grande diferença no emprego dos PVTs: a frequência *token* de [V out SN] é expressivamente maior do que de [V SN out] em todos os séculos e houve aumento progressivo ao longo do período considerado. Destaca-se também do gráfico que essa diferença é maior no século XX, quando 93% dos dados fazem referência à construção contínua.

Considerando que os dados apresentados no gráfico 1 incluem os casos categóricos, tratados na seção 1 deste trabalho - orações em [V out SN] e clíticos em [V SN out] -, o gráfico 2 mostra a distribuição dos PVTs desconsiderando tais contextos:

5 *A Representative Corpus of Historical English Registers*

6 *British National Corpus*

Gráfico 2 - Distribuição de PVTs com out excluindo clíticos e orações



O gráfico 2 mostra que a análise diacrônica dos dados não deixa de salientar a frequência expressiva do PVT₁ no período investigado, ainda que esta diferença seja relativamente menor no século XIX. Portanto, mesmo desconsiderados os contextos categóricos, ressalta do gráfico 2 que [V out SN] e [V SN out] são empregados de maneira distinta na análise diacrônica verificada.

Após a análise diacrônica da frequência *token* dos PVTs na escrita, passo a analisar o item lexical que preenche a posição V com o objetivo de verificar como se deu a expansão das construções. Considerando a alta frequência *token* da construção contínua (gráficos 1 e 2), espera-se encontrar maior diversidade de elementos que preencham o *slot* V em [V out SN], em outras palavras, uma maior frequência *type* do PVT₁.

5.1 Propriedades do Slot V

Nesta seção, passo à análise das propriedades do *slot* V em [V out SN] e [V SN out] com o objetivo de averiguar possíveis expansões das construções. Ademais, verifico a ocorrência de itens verbais que ocorram em ambas as construções, além daquelas que ocorrem apenas no PVT₁ ou no PVT₂. A análise das formas verbais que ocupam a posição V permite identificar, também, os casos em que há equivalência ou diferença semântica entre os dois padrões com base na proposta de Bybee (2006; 2010; 2015) e Chandler (2009), para quem determinada instância, dada sua frequência, pode adquirir o *status* de membro central. A partir deste exemplar, surge um esquema que passa a licenciar outros elementos para preencher seus *slots* e,

consequentemente, aumentar a produtividade desse esquema. Para Bybee (2010), tal processo ocorre com base nas semelhanças entre os elementos que preenchem os *slots* da construção e os novos itens convocados para o esquema. Em outras palavras, ocorre um processo analógico através de similaridades de natureza fonética, fonológica ou semântica.

Leone (2016) afirma que o processo analógico no recrutamento de novos elementos em *phrasal verbs* (PVs) passa a ocorrer no Inglês Moderno (EME). A autora destaca, ainda, o aumento da produtividade de PVs no período mencionado:

No que diz respeito aos PVs, deve ser destacado que, na maioria dos casos, durante o período do EME, a partícula possui alto grau de produtividade e uma força significativa no nível paradigmático. Isso implica que o elemento não-verbal pode combinar-se com verbos do mesmo campo semântico, dando origem a novos PVs que também poderiam sofrer outras mudanças tanto no nível sintático como no semântico. (LEONE, 2016, p. 43)⁷

Ao investigar os itens lexicais que ocupam o *slot* V na modalidade escrita, foi possível constatar uma grande variedade, tanto em PVT₁ quanto em PVT₂. Todavia, tal diversidade foi mais expressiva em [V out SN]:

Tabela 1 - Número de verbos em PVTs com out

Construção	XVII	XVIII	XIX	XX
PVT₁	43/ 81%	66/ 74%	66/ 67%	128/ 78%
PVT₂	10/ 19%	23/ 26%	33/ 33%	36/ 22%
Total	53	89	99	164

Podemos inferir da análise diacrônica dos verbos que esta distribuição aumenta, progressivamente, ao longo dos séculos. Este resultado indica uma expansão dos PVTs, tanto para [V out SN] como para [V SN out]. A contabilização dos itens mais frequentes em PVTs⁸ com *out* durante o período analisado revelou que, enquanto alguns verbos muito frequentes podem ocorrer com as duas construções, outros ocorrem exclusivamente com uma das construções, como ilustro no quadro 1:

⁷ *As regards PVs, it should be noted that, in the majority of cases, during the EME period the particle possesses a high degree in terms of productivity and a significant force on the paradigmatic level. This involves that the non-verbal element can combine with verbs of the same semantic field giving rise to new PVs that could also undergo further changes at the syntactic as well as at the semantic level.* (LEONE, 2016, p. 43)

⁸ Dada a baixa ocorrência de [V SN out], utilizei parâmetros distintos para cada construção: para PVT₁, mínimo de 6 ocorrências e, para PVT₂, 2 até o século XIX; no século XX, considerando o grande número de dados, estabeleci o número de 20, independentemente de flexão verbal.

Quadro 1 - Itens lexicais presentes em contínuas e/ou em descontínuas

Século	[V out SN]	Ambas	[V SN out]
XVII	Set	Find Take Draw	
XVIII	Set Lay Draw	Find Point Take Make	Put Drum Turn
XIX	Point Hold Set Make Send Lay	Carry Take Find	Turn Throw
XX	Carry Point Rule Work Find	Take	Help Phase

Ao considerar as formas verbais mais frequentes, é possível observar no quadro que é limitada a quantidade de verbos que ocorrem nos dois padrões: *draw*, *find*, *carry*, *make*, *point*, *take* e *throw*. Verbos que ocorram apenas no PVT₂ não estão presentes no século XVII. É apenas a partir do século XVIII que esta transição ocorre: *drum*, *help*, *phase*, *put* e *throw* são exclusivos ao PVT₂.

Considerando, agora, os constituintes que ocorrem tanto em PVT₁ quanto em PVT₂, é necessário ater ao fator da equivalência semântica. O verbo *take* é o único que, regularmente, ocorre em ambas as construções em todos os séculos. O dicionário prevê quatro sentidos relacionados à combinação *take out*: obter (ex. 10), assassinar, exemplo da seção 1 e agora sob nova numeração (ex. 11), levar para sair (ex. 12) e remover/ retirar (ex. 13). Este último é o sentido considerado mais prototípico:

(10) BNC. A3J115

... anyone **taking out a loan** from Lloyds Bank between Monday and 31 December may win one of five first prizes...

... qualquer pessoa que **obtenha um empréstimo** do Banco Lloyds, entre segunda-feira e 31 de dezembro, pode ganhar um dos cinco prêmios.

(11) BNC. A1Y629

*The idea of rogue cops going around to **take out IRA terrorists** - it's the sort of stuff you might expect.*

A ideia de policiais desonestos **matando terroristas do IRA** – é o tipo de coisa que você espera.

(12) ARCHER. 1872hart_j6b

*We agreed with Jerry Gardner for 40 dols. **to take us out** to his “camp” and bring us back on Thursday.*

Combinamos com Jerry Gardner, por 40 dólares, que eles **nos levaria** para o seu “campo” e nos traria de volta na quinta-feira.

(13) ARCHER.1774lon1_n4b

*... many of the goods on board being much wanted in Boston, it was proposed to **take those out**...*

... foi proposto que muitos dos **bens** que estavam a bordo **fossem retirados**, pois eles eram muito requisitados em Boston.

É interessante destacar que o sentido prototípico de *take out* é mais frequente no PVT₂, ora com pronomes demonstrativos (ex. 13), ora com SNs lexicalmente preenchidos, como já exemplificado em (ex. 5) – *take carbonate out* (retirar o carbonato).

A análise detalhada dos verbos frequentes mostrou evidências de um caminho diacrônico de itens ligados a movimento e com indicações de remoção, em direção a formas de outra natureza. Ao menos por hipótese, esses constituintes parecem indicar uma trajetória de sentido mais materializado e que, ao longo do tempo, passam a adquirir significados mais abstratos. Tendo em vista tal constatação, prossigo esta análise a partir do contexto discursivo-pragmático em que os PVTs contínuo e descontínuo se encontram a fim de apontar outros indicativos desta possível trajetória. A próxima seção trata dos tipos de processos envolvidos em cada enunciado analisado.

5.2 Processos Cognitivos em PVT₁ e PVT₂

As instâncias analisadas revelam conjuntos de propriedades semântico-discursivas variadas. A análise do contexto em que o constituinte que ocupa o *slot V* de PVT₁ e PVT₂ está inserido permite identificar o tipo de processo codificado, com base na proposta de Halliday; Mathiessen (2004). É importante destacar que um mesmo item lexical pode denotar diferentes tipos de processo em PVTs com *out*, como já exemplificado em *carry out a chair* (carregar uma cadeira) *versus carry out a research* (conduzir uma pesquisa), por exemplo, estão inseridos em diferentes circunstâncias: material e mental, respectivamente. A hipótese a ser sustentada é a de que PVT₁ e PVT₂ encontram-se em enunciados que codificam processos preferencialmente materiais, devido

à natureza semântica da partícula *out*, como já ilustrado em alguns exemplos anteriores deste trabalho (exemplos 5, 7 e 13). Espera-se que enunciados que configuram processos outros, como mentais ou verbais, tenham se tornado mais frequentes ao longo dos séculos, dada a expansão das construções no que tange à frequência *type*. Vale ressaltar, porém, que tal expansão estaria mais associada ao PVT₁, tendo em vista a maior ocorrência desta construção.

Com base em uma perspectiva que verifica os verbos e o contexto em que se inserem, tanto na construção contínua quanto na construção descontínua, investigo a relação estabelecida entre os constituintes que ocupam a posição V e sua relação com os argumentos da oração. Para tal, parto de uma perspectiva de transitividade com base em Halliday; Mathiessen (2004), para quem a transitividade deve ser considerada como um sistema que se constrói através da experiência, envolvendo diferentes tipos de processo. Desta forma, o uso da língua ocorre para que indivíduos possam transmitir suas experiências com o mundo exterior – material – e o com o mundo interior – consciência. A transitividade é, portanto, um recurso léxico-gramatical e pragmático-discursivo empregado com a finalidade de representar atividades e estados.

Segundo Halliday; Mathiessen (*op. cit.*), há 3 processos básicos: material, mental e relacional. Processos materiais envolvem ações concretas, como criar e fazer; mentais, relacionados à percepção e ao mundo interior; por fim, relacionais, que associam entidades em processos de categorização. Além de materiais, mentais e relacionais, há outros processos fronteiros, como ilustra a figura, reproduzida dos autores:

Figura 4 - A Gramática da Experiência: tipos de processo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 172)



A própria representação circular dos tipos de processos reflete a gradiência dos mesmos, isto é, uma distinção discreta de cada processo se tornaria uma tarefa por vezes complexa. Devemos interpretar esta representação como um sistema fluido e contínuo.

Os dados coletados mostram que um mesmo verbo pode codificar diferentes tipos de processo, a destacar da análise o verbo *throw*. Observe-se a este respeito os processos material e verbal, respectivamente:

(14) ARCHER.1786cowld4b

*The gard'ner (...) **threw out his rubbish.***

O/A jardineiro/a (...) **jogou fora seu lixo.**

(15) ARCHER.1819miln_d5b

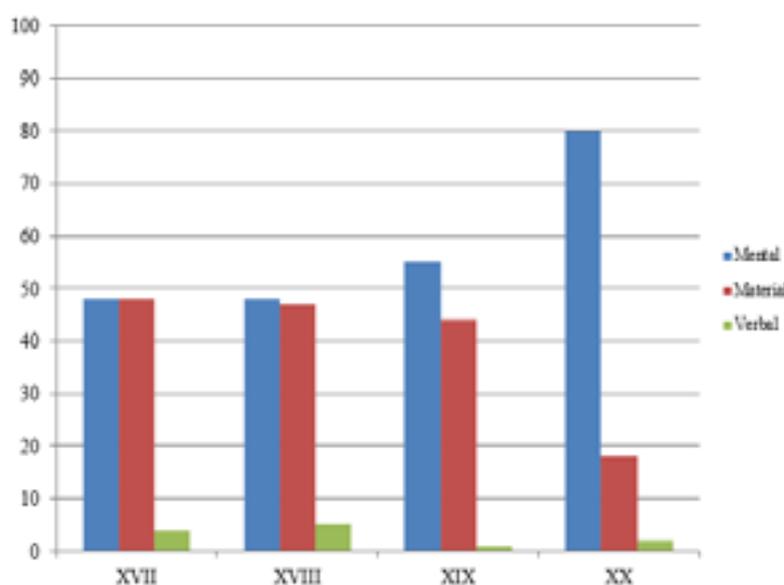
*Well, now I don't pity him. (...) he would have his own way, and **threw out jokes.** upon my countenance.*

Bom, eu não tenho pena dele. (...) ele fazia tudo do jeito dele, e **contava piadas** na minha frente.

Um processo material está representado no exemplo (ex. 14), no qual há um agente que pratica a ação de deslocar algo concreto no espaço. O PVT contínuo [throw out SN], em (ex. 15), combinado ao SN *piadas*, configura um processo verbal.

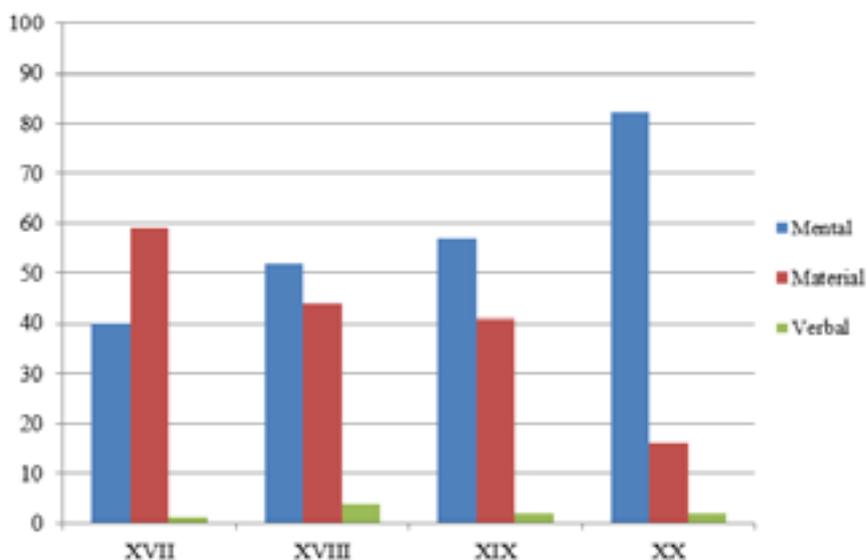
A análise dos dados revelou que 3 processos ocorrem em PVTs com *out*: mental, material e verbal. O gráfico a seguir mostra que contextos em que os PVTs estão inseridos em processos mentais e materiais são mais comuns em todos os séculos, havendo maior destaque para processos mentais no século XX:

Gráfico 3 – Tipo de processo em PVTs com *out*



Considerando a hipótese de que [V out SN] e [V SN out] configuram dois pareamentos distintos na rede construcional, espera-se que os processos para contínua e descontínua mostrem tendências mais gerais de contextos discursivos em que os itens lexicais se inserem em PVT₁ e PVT₂. A análise de cada instância levantada dos *corpora* revela trajetórias distintas para [V out SN] e [V SN out]. Os resultados obtidos para o padrão contínuo na modalidade escrita estão ilustrados a seguir:

Gráfico 4 – Processos em [V out SN]



A frequência com que processos verbais ocorrem na construção contínua é tímida, mas pode ocorrer com os verbos *throw* (ex. 15) e *hiss* (ex. 16), por exemplo:

(16) ARCHER.1847gask_f5b

*If I creep under the clothes I still see them; and what is worse, **hissing out her words** with fright - they don't speak to me of leading a better life.*

Se eu me arrasto para baixo das roupas, eu ainda os vejo, e o que é pior – **sibilando suas palavras**, com medo – eles não me dizem para viver uma vida melhor.

Os tipos de processos mais frequentes para [V out SN], em todos os séculos são: material e mental:

(17) ARCHER: 1613camp_d1b

*The masquers during this dialogue **take out others** to dance with them.*

Os mascarados durante esse diálogo **tiram outros** para dançarem com eles.

(18) ARCHER.1723blac_f3b

*The respect he bore to her obliged him to **hear her out** (...).*

O respeito que ele tinha por ela o obrigou a **ouvi-la** (...).

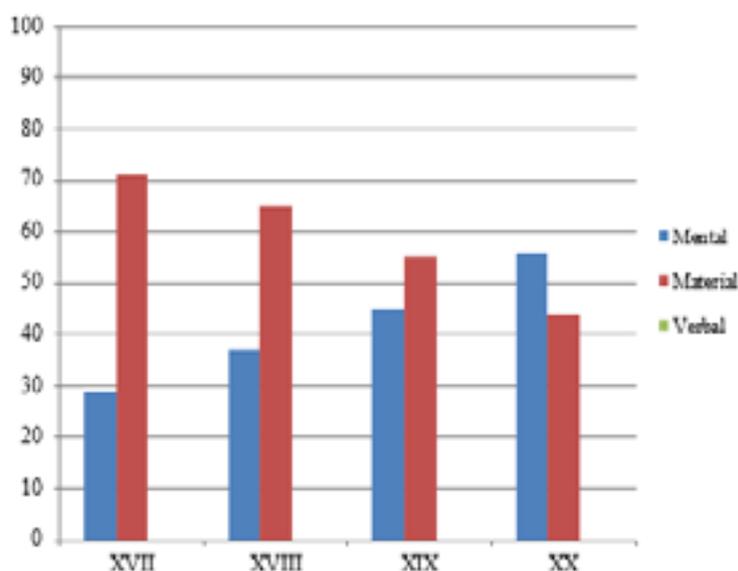
Em (ex. 17), um agente atua, intencionalmente, causando movimento no espaço: um processo material; em (ex. 18), por sua vez, há o envolvimento de participante que experiencia

a atividade de ouvir: processo mental.

O gráfico para a construção contínua revela que há um aumento progressivo de [V out SN] em direção a contextos que configuram processos mentais. A diferença entre contextos materiais e mentais não é significativa no século XVII, mas se torna bastante expressiva no século XX, havendo um alcance de mais de 80% das ocorrências para processos mentais. Neste sentido, podemos destacar uma mudança construcional em relação à [V out SN], visto que a forma da construção se mantém, mas passa a estar inserida também em outros contextos semânticos como consequência da expansão de seu esquema.

Os resultados da análise diacrônica para PVT_2 também revelam algumas tendências:

Gráfico 5 – Processos em [V SN out]



O gráfico 5 mostra que, assim como PVT_1 , PVT_2 parece estar se expandindo, ao longo dos séculos, para processos mentais, um aumento progressivo deste tipo de contexto verificado do século XVII ao século XX. Ao mesmo tempo, instâncias que configuram processos materiais passam a ser menos frequentes com o passar do tempo.

É interessante destacar um comportamento distinto entre [V out SN] e [V SN out] no que tange às tendências verificadas na comparação dos dois gráficos: enquanto a diferença entre processo mental e material para a construção contínua supera pelo menos 60 pontos percentuais no século XX, não se pode dizer o mesmo para a construção descontínua: processos mentais e materiais ocorrem quase que com a mesma frequência neste período. Ressalta também dos dados que, diferentemente da construção contínua, não houve nenhuma ocorrência de processos verbais para [V SN out] em todos os séculos analisados.

A comparação dos gráficos 4 e 5 revelam tendências diferentes para as duas construções. Neste sentido, podemos tratar de uma mudança construcional tanto para [V out SN] quanto para [V SN out], mas com trajetórias distintas. Para PVT_1 , processos cada vez mais mentais

e, para PVT₂, uma tendência à equivalência entre processos mentais e materiais. Os dados apresentados revelam caminhos diversos para contínua e descontínua considerando o contexto discursivo-pragmático que cada construção tende a seguir. As evidências apresentadas com base na análise diacrônica de documentos escritos de PVTs com *out* indicam que contínua e descontínua se inserem, cada vez mais, em ambientes mais adequados a cada configuração e apontam para a necessidade de uma distinção entre os dois padrões na representação da rede.

Conclusão

Neste trabalho, foram abordadas questões relativas ao uso de PVTs com a partícula *out* por meio de uma análise diacrônica de documentos escritos, do século XVII ao século XX. A partir de uma perspectiva da GC, o estudo teve foco na trajetória dos padrões contínuo e descontínuo sob a hipótese de que [V out SN] e [V SN out] constituem duas construções distintas, *i.e.*, dois pareamentos, de forma e sentido. A análise dos resultados evidenciou que PVT₁ e PVT₂ apresentam frequências *token* e *type* significativamente distintas: instâncias em que a partícula encontra-se contínua ao verbo têm presença mais expressiva em todo o período verificado, até mesmo quando desconsiderados contextos categóricos (orações em PVT₁ e clíticos em PVT₂), nos quais fatores como peso e informação exercem papéis consideráveis.

O estudo dos constituintes que ocupam o *slot* V, nas duas construções, mostrou um aumento gradativo da produtividade de PVT₁ e PVT₂, mas ressalta da análise a alta produtividade da construção [V out SN]. A investigação dos dados também revelou uma tendência quanto ao emprego de verbos com noção de movimento e de remoção, em conformidade com uma esperada coerência temática (BARÐDAL, 2008). Ao longo dos séculos, ainda que a produtividade do PVT₁ tenha sido maior, destacou-se da análise que [V out SN] e [V SN out] seguem trajetórias distintas: há maior recrutamento de itens verbais para preenchimento do *slot* V em [V out SN] do que para a construção descontínua. Os resultados também indicaram itens verbais mais compatíveis com uma ou outra construção, e que a intercambialidade entre contínua e descontínua é somente parcial.

Os processos cognitivos possíveis em PVTs com *out*, com base na amostra estudada, são somente verbais, mentais e materiais. Considerando a natureza da partícula, a hipótese de que processos materiais predominassem foi validada no estudo, tanto para PVT₁ quanto para PVT₂. Foi possível constatar, portanto, uma mudança construcional na medida em que a forma se mantém, mas passa a ser associada a outros sentidos. Por outro lado, é necessário ressaltar que, ainda que processos mentais sejam cada vez mais frequentes, o caminho em direção a sentidos mais abstratos é mais expressivo na construção [V out SN], como se confirmou nos dados do século XX. Para [V SN out], a discrepância entre processos cognitivos materiais e mentais diminui no século XX.

A análise diacrônica do item lexical que preenche o *slot* V em [V out SN] e [V SN

out], bem como dos tipos de processos que ocorrem nos enunciados, revelou que contínua e descontinua seguem trajetórias distintas, reforçando a noção de que cada configuração constitui um pareamento de forma e significado. Uma maior investigação dos elementos que ocupam os *slots* de cada construção pode evidenciar mais argumentos em favor de uma distinção entre PVT₁ e PVT₂ na rede construcional.

Referências

ARCHER 3.2. A Representative Corpus of Historical English Registers version 3.2.1990–1993/2002/2007/2010/2013/2016. Originally compiled under the supervision of Douglas Biber and Edward Finegan at Northern Arizona University and University of Southern California; modified and expanded by subsequent members of a consortium of universities. Current member universities are Bamberg, Freiburg, Heidelberg, Helsinki, Lancaster, Leicester, Manchester, Michigan, Northern Arizona, Santiago de Compostela, Southern California, Trier, Uppsala, Zurich. Examples of usage taken from ARCHER were obtained under the terms of the ARCHER User Agreement.

BARÐDAL, J. *Productivity. Evidence from Case and Argument Structure in Icelandic*. Amsterdã: John Benjamins, 2008.

BIBER, D. et al. *The Longman Grammar of Spoken and Written English*. London: Longman, 1999.

BNC. The British National Corpus, version 2 (BNC World). 2001. Distributed by Oxford University Computing Services on behalf of the BNC Consortium. URL: <http://bncweb.lancs.ac.uk/>

BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*. v. 82, n.4, p. 711-733, 2006.

BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language Change*. University of New Mexico: Cambridge University Press, 2015.

CAPPELLE, B. *Particle Patterns in English: A Comprehensive Coverage*. Kortrijk: Katholieke Universiteit Leuven, 2005. Tese (Doutorado em Linguística), Departement Linguïstiek, Faculteit Letteren, Katholieke Universiteit Leuven, 2005.

CHANDLER, S. *Exampler-Based Models*. In: EDDINGTON, D. (ed). *Quantitative and Experimental English*. Munich: LINCOM GmbH. p. 100-152, 2009.

CHAFE, W. L. The flow of ideas in a sample of written language. In: MANN, W., THOMPSON, S. A. (eds.) *Discourse description diverse linguistic analysis of a fund raising text*. Amsterdam: John Benjamins, 1992, p. 267-94.

DEHÉ, N. 2002. *Particle Verbs in English: Syntax, Information Structure, and Intonation*.

Diadorim, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 2 , p. 145-167, 2019.

Amsterdam: John Benjamins, 2002.

DOWNING, A.; LOCKE, E. *A University Course in English Grammar*. Londres: Routledge, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. Tuning in to the verb-particle construction in English. *Syntax and Semantics*. v. 41, p. 110-141, 2016.

GORLACH, M. *Phrasal Constructions and Resultativeness in English: A Signoriented Analysis*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2004.

GRIES, S. Particle placement in English: a multifactorial investigation. In: BREND, R.; MELBY, A.; LOMMEL, A. (eds.) *LACUS Forum XXVII: speaking and comprehending*, p. 19-32. Fullerton, CA: LACUS. 2001.

GRIES, S. *Multifactorial Analysis in Corpus Linguistics: The Case of Particle Placement*. London: New York Continuum Press, 2003.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An Introduction to Functional Grammar*. 3ª ed. Londres: Edward Arnold, 2004.

JOHNSON, D. E. *Rbrul version 2.3.1.*, 2015. Disponível em: <http://www.danielezrajohnson.com/rbrul.html>. Acesso em: 15 janeiro 2017.

KEMMER, S; BARLOW, M. *Usage Based Models of Language*. Stanford, CSLI Publications, 1999.

LANGACKER, R. Construction grammars: cognitive, radical and less so. In: 229 MENDONZA IBANEZ, R.; PENA CERVEL, S. (eds.). *Cognitive Linguistics: internal dynamics and interdisciplinary interaction*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005, p. 101-159.

LEONE, L. Phrasal verbs and analogical generalization in Late Modern Spoken English. In: *ICAME Journal*, v. 40, p. 39-62, 2016.

MICHAELIS, L. A.; HWANG, J. D.; PALMER, M. "What is an aspectual particle?". *LSA Annual Meeting*, Colorado, 10 jan. 2009. Disponível em <https://docplayer.net/43282639-What-is-an-aspectual-particle.html>. Acesso em: 13 dez, 2018.

PRINCE, E. F. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (ed.). *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981.

QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; SVARTVIK, J. *A comprehensive grammar of the English language*. London: Longman, 1985.

Diadorim, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 2 , p. 145-167, 2019.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.A.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SVENONIUS, P. *Dependent Nexus: Subordinate Predication Structures in English and the Scandinavian Languages*. Santa Cruz: University of California, 1994. Tese (Doutorado em Linguística), Departamento de Inglês, School of Languages and Literature. University of California, Santa Cruz, 1996.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional change*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

THIM, S. *Phrasal verbs: the English verb-particle construction and its history*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2012.